

Isaías Melsohn: pensador pela palavra**



Isaías Melsohn (1921-2009) foi um grande amigo de seus amigos, um mestre de muitos discípulos e, o mais importante neste contexto, um pensador da psicanálise. Como já escrevi, considero que a psicanálise brasileira tomada como produção científica de pensamentos psicanalíticos inicia-se com Isaías Melsohn.

Conheci de perto o amigo Isaías, na sua lealdade e sensibilidade. Não lhe passavam despercebidos sofrimentos e carências dos amigos que cativava e de quem cuidava por haver cativado.

Do mestre, muitos de nós usufruímos os ensinamentos. Isaías foi um mestre de rara qualidade, pois nos olhava com o reconhecimento respeitoso pelo que dele aprendíamos e desenvolvíamos, incentivando trocas, ao invés de reverências.

E o pensador? Eis aí uma característica a ser explorada desse pensador pioneiro de uma *psicanálise brasileira* ainda em construção. Isaías foi um pensador

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** Foto cedida pelo Fundo Isaías H. Melsohn da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP

pela palavra oral. Quem teve o privilégio de assistir a seus cursos e conferências pôde acompanhar o rigor com que seu pensamento era exposto e ao mesmo tempo produzido, tal como a escrita produz o pensamento da maioria de nossos autores. Creio que essa facilidade do manejo com a palavra o fez optar pela transmissão oral do pensamento psicanalítico que produzia. E o produzia incessantemente.

São poucos os escritos que nos deixou, embora muito consistentes na crítica que empreendeu à concepção freudiana de um inconsciente conteudístico. Mas tinha como inimigo seu perfeccionismo com a palavra escrita. Burilar o texto o impedia de usar a pena de forma escorreita, voltava a cada frase por inúmeras vezes. Isaías era um esteta, não só no seu cuidado com a palavra escrita, mas na admiração que foi desenvolvendo pela música, pela arte pictórica brasileira contemporânea, pelo barroco brasileiro do imaginário religioso, gostos que o transformaram em um colecionador.

Interessante solução encontrada pelas colegas Bela Sister e Marilsa Taffarel para contornar a armadilha que o escrever acabava sendo para Isaías. Durante três anos, Bela e Marilsa tomaram o depoimento de Isaías sobre seu percurso pela vida e pela psicanálise, registrando-o em entrevistas gravadas. Assim produziram um livro, publicado em 1996 pela editora Escuta: *Isaías Melsohn, a psicanálise e a vida (setenta anos de histórias paulistanas e a formação de um pensamento renovador na psicanálise)*.

O livro, à parte as notas introdutórias das autoras, é escrito em primeira pessoa. Isto é, é Isaías que nos fala de seus percursos, por escrito. Lá está sua história, a de um menino judeu polonês com escassas memórias da terra natal e que emigra com a família em busca de uma vida menos submetida a muitas dificuldades materiais. Chega ao Brasil em meados dos 1920, a São Paulo, ao bairro do Bom Retiro, que na época concentrava muitos imigrantes judeus procedentes da Europa Central. Também seus interesses culturais foram se formando na convivência com o caldo cultural de São Paulo, produto de uma migração de intelectuais que fugiam do nazismo em ascensão. E também sua carreira profissional, que desemboca na medicina e na psicanálise. Por fim, na segunda parte do livro, encontramos a exposição organizada de seu pensamento psicanalítico e clínico em uma primeira versão de conjunto.

A leitura nos remete ao clima de suas conferências e cursos, mas com a vantagem da escrita, a que podemos voltar a qualquer momento. Podemos escutar/ler o percurso realizado por Isaías integrando conceitos extraídos da fenomenologia, da filosofia de Ernst Cassirer, da psicologia da forma e que o levou a trabalhar conceitos básicos da teoria psicanalítica como inconsciente, pulsão e afeto.

No início da segunda parte, Isaías nos diz:

É preciso reconhecer que há dois Freud. O Freud inovador, voltado para a captação do sentido, que encontramos em *A interpretação dos sonhos* e nos casos clínicos. E o Freud da teoria clássica da percepção, que aparece, por exemplo, em “Os dois princípios do funcionamento psíquico” ou em *Mais além do princípio do prazer*, onde ultrapassa o nível da experiência que pode ser apreendida. (p. 173)

Isaías segue o primeiro e critica o segundo.

Para Isaías a pulsão se expressa em manifestações que nos permitem alguma concepção do mundo interno. Para ele, é na produção de um objeto que o impulso ganha forma. Intenção ou pulsão que não se manifesta ainda não adquiriu sentido e é inapreensível. Era à fobia do pequeno Hans que Isaías sempre voltava para exemplificar essa sua formulação. Deixa de lado explicações clássicas da determinação de conteúdos inconscientes para os conflitos de Hans –castrar o pai frente ao temor de ser castrado–, para pensar esses conflitos como mobilizados

pelo ambiente e assumindo expressão na cristalização da fobia. São os impulsos do menino em vias de maturação que se projetam no mundo, organizando o espaço perceptivo e encontrando no cavalo, o conteúdo da fobia, expressão adequada para se objetivar. Isaías nos conta, nesse trecho, que a fobia de cavalo não mascara a fase edípica, mas é sua porta de entrada.

São esses os caminhos que o levaram a formulações sobre não existir o inconsciente como lugar de guarda ou repositório de representações. Muito resumidamente poderíamos dizer que, para Isaías, esse inconsciente não existe. Conceitua o inconsciente como forma da consciência, como uma de suas condições, pois, sendo a estrutura da consciência condicionada de muitas maneiras, a uma delas a psicanálise chama inconsciente. São suas palavras, no livro:

O conceito de inconsciente é um conceito inadequado, desnecessário. Ele não vem da clínica. É uma construção que só tem sentido a partir de determinados pressupostos. Epistemologicamente é insustentável considerar o inconsciente como ontologicamente existente num *locus* psicológico, num lugar dentro da mente. (p. 179)

Isaías ainda viveu mais de 10 anos depois dessa publicação e pôde produzir outra, *Psicanálise em nova chave* (2001), a partir de uma série de aulas e seminários clínicos que ofereceu na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em diferentes períodos, também registrados em gravação. Interessante aqui também valer-se do registro de sua fala para, com a colaboração de um grupo de amigos e colegas, chegar a um texto escrito.

Assim inaugura-se a psicanálise brasileira de autoria, pela transmissão oral, pela palavra antes de chegar à escrita, por Isaías Melsohn.

Referências

Sister, B. M. e Taffarel, M. (1996). *Isaías Melsohn, a psicanálise e a vida (setenta anos de histórias paulistanas e a formação de um pensamento renovador na psicanálise)*. São Paulo: Escuta.

Melsohn, I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.